

Mulher no pornô: Uma representação da heteronormatividade.¹

Millena de CARVALHO²

Larissa LEDA³

Universidade do Maranhão, São Luís, MA

Resumo

O pornô como uma retratação da realidade, mesmo aquela praticada privadamente, enclausurada por quatro paredes, reproduz e reforça os estereótipos de gênero e cria padrões de sexualidade que normalizam a submissão sexual feminina. O objetivo deste trabalho é refletir sobre a relação das mulheres com a indústria pornográfica, cujas práticas reforçam a submissão sexual à qual são submetidas por uma série de explicações, que vão das práticas culturais em relação ao próprio corpo até à severa cultura patriarcal à qual ainda estamos todos submetidos. Compreendendo o sexo como uma relação de poder (FOUCAULT, 2005), entendemos que o conteúdo audiovisual do gênero apresenta uma estrutura falocêntrica que, por sua vez, exclui o prazer feminino de sua produção.

Palavras-chave: Audiovisual; pornografia; sexualidade; feminino.

Considerações Iniciais

A falta de autonomia que a mulher possui sobre seu corpo reflete-se em diversos âmbitos da vida social. A “exclusão” da sexualidade feminina é fácil de ser observada historicamente, de maneira a coloca-la em situações de desapropriação do próprio corpo, que por sua vez, parece pertencer ao domínio do homem de forma tão autêntica que cabe a eles ditar e reger as regras do uso do mesmo, muitas vezes, em prol do seu prazer.

Nas construções das narrativas pornográficas heterossexuais, encontramos na construção dos personagens femininos a ilustração do interesse e o direcionamento dessas produções. Interesse em representar o que seria, para o homem, prazeroso e consequentemente, através desse interesse estabelecer seu direcionamento ao público masculino. Com cenas, em sua maioria, apresentando a condição de submissão feminina e prazer masculino como um elo que não se quebra dentro desse gênero audiovisual, se percebe uma constante desvalorização do prazer feminino dentro dessas narrativas.

¹ Trabalho submetido e apresentado na categoria IJ – Área04, Intercom Júnior Cinema e Audiovisual, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna líder, estudante do curso de Comunicação Social – Rádio e TV, email: millenacarvalhobraz@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, email: larissaleda@gmail.com

Identificamos como nosso objetivo principal neste trabalho analisar como são apresentadas as mulheres na indústria pornográfica, a partir da construção de imagens de submissão sexual feminina reforçadas neste gênero audiovisual. Para alcançar nosso objetivo, partimos da hipótese de que os filmes pornô são produtos desenvolvidos por homens e destinados à eles que, por seu lado, submetem-se a um modelo de sociedade machista e heteronormativa que reproduz e reforça diversos estereótipos de gêneros, entre eles aquele que destina à mulher um papel de submissão social, econômica, política e sexual.

Fonte de prazer

O pornô, ao qual nos referimos neste trabalho como a indústria audiovisual baseada na venda de imagens do sexo, reproduz e reforça os estereótipos de gênero e cria padrões de sexualidade que normalizam a submissão sexual feminina à qual as mulheres são submetidas por uma série de explicações, que vão das práticas culturais em relação ao próprio corpo até à severa cultura patriarcal à qual ainda estamos todos submetidos (BUTLER, 2015).

As produções pornográficas heterossexuais, ainda que possam ser acusadas de não tratarem a sexualidade de homens e mulheres de modo verossímil, acabam por escancarar uma realidade dolorosa, na qual a mulher não desfruta do prazer do próprio corpo. Dentro desse gênero audiovisual, que tem como base retratar as relações sexuais, se faz presente um jogo de poder (FOUCAULT, 2005), no qual cabe à mulher o papel quase exclusivo de ser fonte do prazer masculino. O gozo feminino é deixado de lado em nome de um saciar as necessidades carnis dos homens, ela é, afinal, objetificada (WOLF, 1992). A prevalência do deleite masculino é claramente observado em filmes nos quais o foco é a ejaculação masculina, como no vídeo “*Faces of Cum: Beverly Hills*”⁴, no qual a câmera capta cenas com foco no rosto da atriz e no órgão genital do homem em um ângulo de cima para baixo, em um contra *plongée*, reforçando, pela imagem, o sentido de uma superioridade oferecida ao homem, posicionando a mulher na relação - e na sociedade - abaixo dele. São 46 segundos nos quais o homem ejacula constantemente na face da mulher. Ainda que, algumas mudanças de posições durante o vídeo possam ser observadas, o ângulo de captura da imagem, que rebaixa a mulher diante do homem, permanece o mesmo. Para além deste

⁴ Disponível em: < <http://www.youporn.com/watch/12691703/faces-of-cum-beverly-hills/> > Acesso em: 20 marc. 2016.

lugar inferior, simbólico, mas também físico nos vídeos, a mulher também é apresentada como fonte exclusiva de prazer masculino, o que pode também ser observado em vídeos nos quais a mulher se opõe à prática sexual, mas acaba por sucumbir às investidas do homem, - afinal, como lembra WOLF (1992, p. 218), “para os rapazes a ‘beleza’ é definida como aquilo que nunca diz não”. Não há espaço para o gozo e nem para o desejo feminino.

Entendemos que essa representação do lugar da mulher no sexo, reproduzido na indústria pornô, funciona como uma espécie de violência “social” contra mulher. Aqui o termo violência assume um sentido mais amplo, mais elástico e vai além das práticas sexuais não consentidas, é como se essa violência fosse permitida ou quase imposta como uma norma pela sociedade patriarcal. A violência sexual é, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁵: “qualquer ato sexual ou tentativa de obter ato sexual, investidas ou comentários sexuais indesejáveis, ou tráfico ou qualquer outra forma, contra a sexualidade de uma pessoa usando coerção”. Não é esse o sentido que abordamos aqui. Tal violência social contra a mulher não se faz presente apenas na indústria pornô, na qual a representação do sexo se assemelha à realidade e a retrata de modo plausível. Mas é lá que podemos ver com mais clareza, até pelas condições de retratação que o gênero disponibiliza, a fragilidade dos direitos que a mulher possui sobre si e a interdição que retira dela a autonomia sobre o que permite ou não em relação aos usos sexuais do seu próprio corpo.

Uma parte substancial da indústria pornô é disponibilizada atualmente no ciberespaço. O contexto contemporâneo de ser audiência dessa indústria oferece uma prática de consumo de acesso fácil e, muitas vezes, gratuito ou de baixo custo às produções. Com enorme oferecimento de conteúdo, os sites para consumo dos vídeos organizam a oferta a partir de categorias que revelam gostos e preferências dos internautas, e os ajudam a encontrar o produto desejado. Há, nesses sites e na pornografia de modo geral, dois grandes subgêneros, o *Softcore*, que mostra situações sugestivas do ato sexual, e o *Hardcore*, que além de carregar as características anteriores, contém atos sexuais e penetrações. É possível perceber claramente a falta de autonomia da mulher com seu corpo, na categoria que envolve sexo com cenas sadomasoquistas, nas quais há a encenação de violência e humilhação, ou nas quais usa-se artifícios como a relação contrastante de controle entre dominante e submisso, conhecido como Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo (BDSM). Mas a presença de forma escancarada do

⁵ Disponível em: < <http://www.paho.org/bra/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

sadomasoquismo e de práticas regulares de humilhação nessa categoria se faz necessário por ela ser destinada ao público dessas práticas sexuais. Mas nas 10 primeiras páginas da categoria BDSM do site⁶, podemos encontrar ao todo 320 vídeos sendo 244 com a mulher na posição de submissa, ou seja, 76% dos vídeos assistidos apresentam a mulher como objeto e a expõe ao fetiche da submissão, contra apenas 24% das produções que expõem os homens em situações de subserviência e obediência. O homem é o maior consumidor desses conteúdos, portanto a demanda dessas produções, que submetem a mulher a essa condição (submissão), atendem aos seus apelos de consumo. O vídeo “*Hot Blond Dora Venter in BDSM Foursome*”⁷, no qual encontramos três homens e uma mulher, segue a descrição da categoria à qual pertence (que no caso é a BDSM) e aos cinco minutos tanto ocorre uma penetração dupla, quanto a mulher é levada a fazer sexo oral no terceiro.

Porém em outra categoria do site a “*Threesome*”, a qual comporta os vídeos que carregam conteúdos de sexo a três, encontramos algumas características do BDSM que se apresentam de maneira mais branda, agindo à surdina e se integrando à produção de maneira sutil, de modo a submeter as mulheres a posições desconfortáveis ou a conduzi-las rispidamente a práticas sexuais. Como podemos perceber no vídeo pertencente a essa categoria (*Threesome*), “*Double Penetration on Gorgeous Brunette*”⁸ temos uma mulher e dois homens que aos dois minutos e vinte e dois segundos fazem a famosa penetração dupla em orifícios distintos, uma penetração nada gentil. O desconforto estampa o rosto da atriz que é, ao longo de todo o vídeo, conduzida e levada a mudar de posição de maneira áspera. Os homens a penetram indelicadamente, sem levar em consideração o mal estar que podem causar pela forma que as penetrações são feitas. Esse descaso com a penetração, algo sempre presente nas produções *hardcore*, nos conduz a crer que o desconforto físico não é uma preocupação dessa produção, ao contrário, a insistência na rispidez do ato, não obstante o incômodo da mulher, parece deixar claro que é na violência do sexo que reside o gozo de quem vê. O vídeo “*Meet BDSM-fans – Asian Slut Fisted in Her Gaping Asshole*”⁹ retrata uma mulher de idade mediana que é penetrada por um punho no orifício anal, o curioso desse vídeo é que a vagina da atriz é coberta por uma espécie de tapa sexo. Esse vídeo é uma produção asiática e elas comumente ambaçam as partes genitais dos atores. Os

⁶ Disponível em: <<http://www.youporn.com/search/?query=bdsm>>. Acesso em: 22 març. 2016.

⁷ Disponível em: <<http://www.youporn.com/watch/11357381/hot-blonde-dora-venter-in-bdsm-foursome/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

⁸ Disponível em: <<http://www.youporn.com/watch/335927/double-penetration-on-gorgeous-brunette-part-3-4>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

⁹ Disponível em: <<http://www.youporn.com/watch/11551827/meet-bdsm-fans-on-bondage-dom-com-asian-slut-fisted-in-her-gaping-asshole/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

gemidos emitidos pela atriz se apresentam como uma mescla de dor e um certo desconforto, o que nessa categoria (BDSM), como mencionamos, é comum de se encontrar, por suas características particulares. Já no vídeo “*Oiled and Gaped*”¹⁰, no qual a mulher entra em contato com um consolo de espessura não convencional, temos também presente um som *off* pertencente a um homem que estaria filmando e parece dar dicas do que ela deve fazer. Este vídeo também se encaixa na categoria pornô Gonzo, que é um estilo de filmagem na qual o diretor é o próprio operador de câmera e muitas vezes interage com os atores. A mulher é guiada por essa voz masculina que lhe diz como ela deve fazer e como ela deve se mostrar para câmera, ele dita todos os detalhes de como ele quer que ela faça e de como ele quer que ela introduza o objeto em seu corpo. Nitidamente vemos com esse vídeo que o homem dita as regras de como ele deve ser desenvolvido de acordo com seu gosto e para seu prazer. São categorias diferentes com cenas constituídas das mesmas características: o sujeitar a mulher a contorções, o contato com objetos, os gestos e trejeitos dos homens acentuando sua masculinidade; um jeito hostil de lidar com a mulher e colocá-la em “seu lugar”; a desconsideração de seu desconforto e prazer. Com todas essas características que os conteúdos pornográficos nos proporcionam, a pergunta se impõe: a mulher desempenha o papel de sujeito do sexo ou de objeto? O corpo feminino assume a condição de público, apresenta-se como objeto decorativo (LIPOVETSKY, 2005).

Essa representação do sexo associado à violência, que, aqui observamos, tem como objetivo infligir humilhações e desconfortos às mulheres, é algo que se alastra muito além dos campos desse gênero audiovisual. Isso nos faz crer que a normalização de tais práticas que ocorre dentro dele é apenas a extensão de uma ideologia da dominação sexual feminina, de um sistema de valor no qual a mulher é a carne mais barata do mercado, de um contexto político, ideológico e econômico no qual o patriarcalismo dita às regras e impõe às mulheres pouca coisa além de ser aquilo que os filmes deixam claro sem reservas: a mulher está lá como objeto, para servir ao gozo masculino.

Dentro do pornô, a mulher assume, por muitas vezes a condição de serviçal que lhe era imposta em tempos passados, um passado nem tão empoeirado assim, no qual ela teria que estar à mercê do seu marido; não apenas nas questões domésticas, como também nas sexuais, levando-as a serem usufruídas, como que “consumidas” e, por vezes, objetificadas. A demonstração simples da memória dessa condição são os vídeos nos quais os papéis chefe/secretária e professor/aluna são exercidos de forma que a mulher sempre está para

¹⁰ Disponível em : <<http://www.youporn.com/watch/12683821/oiled-and-gaped/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

servir ao homem nas duas condições citadas acima, está sempre “abaixo” dele, seja em uma condição que remeta claramente a uma posição hierárquica, seja em uma condição de inferioridade intelectual. Não nos custa lembrar: o lugar desta mulher à mercê do marido, no sexo, é também embaixo do homem que, estando por cima, controla não apenas o ritmo e a intensidade da relação sexual, mas também seu início e seu fim que, não coincidentemente, é determinado pelo desejo e gozo masculinos. Vale ressaltar que, nos vídeos nos quais as mulheres assumem os papéis de chefe e professora, no momento da prática sexual ela sempre é retratada de modo a assumir seu papel, “objeto de prazer”. Essa concepção é aparada por um conceito desenvolvido por Wolf (1992), o sadomasoquismo da beleza, onde as mulheres, por mais independentes que sejam, elas só serão sexualmente desejadas se na cama elas forem submissas.

Nenhuma das categorias, referente às produções heterossexuais, que organizam a oferta dos vídeos aos internautas, o prazer feminino é retratado. O internauta acessa a categoria de acordo com o que quer consumir, como uma prateleira virtual, na qual escolhe a idade, peso, cor, tamanho e raça da mulher. Algumas dessas categorias são: *Mom I'd Like to fuck (MILF)*, mulheres entre trinta e quarenta anos; *Mature*, mulheres a cima de quarenta anos; *Teen*, entre dezoito e dezenove anos; *Preteen and Jailbait*, geralmente envolve pessoas na idade de consentimento (no Brasil esse idade é definida como a partir de 18 anos); *Child Porn (CP)*, envolve idade abaixo do consentimento (a famosa pornografia infantil); *Hirsutismo*, que são as mulheres com excessos de pelos; *Redhead*, mulheres com o cabelo pintado de vermelho; *Big Beautiful Woman (BBW)*, são as mulheres acima do peso. Há ainda outros, que separam e organizam a oferta do produto para que o internauta encontre o vídeo com o conteúdo que deseja. A maioria das categorias das produções pornográficas são organizadas à partir da definição do perfil feminino a ser encontrado, a ser “consumido” pelo internauta.

O pornô é produzido por e para homens, o que pode servir como um apoio para a compreensão desse direcionamento ao público masculino. O foco no prazer do homem faz com que a mulher assuma um papel de coadjuvante.

Em vez de vermos imagens do desejo feminino ou que atendem ao desejo feminino, vemos simulações em manequins vivas, forçadas a contorções e caretas, imobilizadas em posições desconfortáveis sobre holofotes, quadros profissionais que revelam pouco sobre a sexualidade feminina (WOLF, 1992, p. 179).

Sobre o holofote da câmera, conseguimos, na categoria *Flexible*, encontrar personagens femininos em posições desconfortáveis, ou em posições que normalmente

alguém “comum” não consegue atingir. Em “*Real Flexible Teen*”¹¹ temos um exemplo representativo de algumas dessas posições nas quais a mulher se “dobra e desdobra” para o prazer masculino. Uma dessas é apresentada no minuto 1:20, no qual vemos a mulher com cada um dos os pés em cada um dos braços do sofá, formando com as pernas um ângulo de cento e oitenta graus, ela permanece nessa abertura até os dois minutos e cinquenta segundos momento no qual ela fica em pé apoiada apenas em uma perna, enquanto a outra está acima de sua cabeça; um detalhe interessante desse vídeo é que o homem que contracena com a atriz não tem seu corpo todo exposto, não há uma nudez completa, o ator, passa o vídeo todo trajando uma blusa bege. Essa nudez parcial do homem pode nos conduzir a crer que a exposição do corpo masculino ainda não ganha, dentro das produções pornográficas heterossexuais, a mesma importância e o mesmo valor da nudez do corpo feminino.

Já vídeos da categoria “*solo girl*” os quais as mulheres estão em uma espécie de apresentação solo na qual ela se exhibe e, muitas vezes, faz uso de objetos eróticos, gera um desconforto para as mulheres que, de alguma forma, entram em contato com essas produções, pois até quando estão em uma “apresentação solo” o relato do seu prazer ainda parece distante. No vídeo “*Hotkinkyjo taeke in her as 70cm long dildo – new recod*”¹² encontramos uma mulher em cima de um sofá de costas para a câmera e apenas o rosto virado para a mesma, ela assume a posição meio inclinada para a frente fazendo com que a introdução de um objeto de cor azul, com 70 cm de comprimento e espessura mediana fosse feita em seu ânus por inteiro para depois o expelir. Essa categoria é marcada por uma presença de uma mulher que faz um solo em frente às câmeras, mas apesar de ter concentrada toda a atenção nela, ainda sim pode-se ver nitidamente o direcionamento desses vídeos para os homens. Não existe, nesse vídeo, uma mulher se fazendo sentir prazer, todas as ações e gestos são concentrados em causar prazer nos homens, o direcionamento de suas ações são todas embasadas no prazer masculino.

A desvalorização do prazer da mulher, que percebemos nas produções, é digna de observação, não é de fato surpreendente se levarmos em conta que a sexualidade feminina nunca foi explorada em sua completa extensão; seu prazer nunca foi expandido e seu gozo nunca foi alcançado com êxito. O medo da descoberta do prazer feminino é compreensível.

¹¹ Disponível em: < <http://www.youporn.com/watch/12560595/real-flexible-teen-kamasutra-sex/>>. Acesso em: 22 mar. 2016.

¹² Disponível em: < http://www.xvideos.com/video19075025/hotkinkyjo_70cm_long_dong_full_in_ass>. Acesso em: 23 mar. 2016.

Descobrir o prazer do corpo está ligado à uma postura - política e ideológica - na qual a mulher é dona de si e uma vez neste lugar, toda a relação de poder entre os gêneros precisaria ser reconsiderada e ressignificada. Além disso, a vagina é um órgão portador de uma capacidade de prazer imensurável e permitir à mulher sentir prazer é dar à ela autonomia de si, autonomia de seu próprio corpo.

Capazes de orgasmos múltiplos, de orgasmos contínuos, de um orgasmo clitoridiano forte e surpreendente, de um orgasmo aparentemente centrado na vagina, que é emocionalmente devastador, de um orgasmo por ter os seios acariciados e de inúmeras variações de todas essas reações combinadas, as mulheres têm uma capacidade de prazer genital teoricamente inesgotável (WOLF, 1992, p. 173).

O sexo nunca foi algo concebido como normal para a mulher, seu desejo não estava na pauta de interesse; seu papel era exclusivamente de caráter reprodutor. A clitoridectomia, que hoje vem sendo considerado pelos movimentos feministas como forma de tortura, é uma prática das sociedades orientais e um exemplo extremista de como a exclusão da sexualidade feminina é vista de forma natural. Estima-se que cerca de 100 a 140 milhões de mulheres e crianças são afetadas por esse procedimento que é dividido em três tipos: I Clitorectomia, é a remoção do clitóris; II Excisão, é a remoção parcial ou total do clitóris e dos pequenos lábios, com ou sem a excisão dos grandes lábios; III: consiste na infibulação mais excisão, em outras palavras, o estreitamento do canal vaginal através do corte e junção dos pequenos e/ou grandes lábios, com ou sem a excisão do clitóris. Aos homens coube, desde sempre, a defesa de sua sexualidade, como algo biologicamente intrínseco, natural e esperado. E quase algo sobre o qual eles não têm muito controle.

Toda essa exclusão da sexualidade feminina dentro dessas produções é um reflexo da exclusão da sexualidade feminina dentro da sociedade que defende e enaltece a sexualidade do homem, dando-lhe liberdade para não só trabalha-la como explora-la. Essa “vantagem” masculina, que é dada através da sociedade patriarcal na qual vivemos, é um caminho de mão dupla, pois eles estão condicionados a constatemente reforçarem seu papel masculino.

O luxo do prazer.

Dentro do “mundo da moda”, nos séculos XVI e XVII, também era possível de se encontrar não só essa segregação dos sexos, como também, uma exclusão do sexo feminino. O universo pornográfico não é o primeiro a ter a mulher como algo a parte e não

considera sua existência como relevante para a construção de seus produtos. A moda/luxo não contava com a mulher como atuante, tão pouco tinha sua atenção e suas produções voltadas para elas.

No século XVII ainda na aristocracia de Versalhes as mulheres eram privadas do luxo e na mesma época no inventário dos guarda roupas na Roma da Renascença revela o lugar preponderante do homem nos caprichos da moda (LIPOVETSKY, 2005). Assim como o pornô, a moda tinha como meio atuante o universo masculino e as mulheres que adentravam ou chegavam perto desse universo - como, por exemplo, quando elas se maquiavam ou quando a toalete era percebida como artifício, luxúria e instrumento de sedução (LIPOVETSKY, 2005) - elas eram alvos dos moralistas da época cuja preeminência masculina se fazia presente no aspecto da moda e do luxo. Já no século XIX, Com a percepção de que as vestes femininas eram mais suscetíveis às variações e que a mulher tinha uma propensão ao luxo, isso não só mudou como se inverteu e a mulher passou a ser o alvo principal dos artifícios da moda e do luxo. Mas o que devemos atentar é que a feminização do luxo não vem como uma forma pura do reconhecimento feminino, como se estivessem dando-lhes a atenção que merece por ter destinado as produções do mundo da moda a elas, mas trata-se também de um instrumento de reprodução da mulher menor, inferior ao homem, àquela mulher que deve sempre se submeter às imposições masculinas (LIPOVETSKY, 2005). Isso porque a supremacia estética do segundo sexo gera uma dependência da mulher em relação ao homem; a transforma na consumidora compulsiva e a conduz a um trabalho infinito e árduo em prol da perfeição estética esperada da figura mulher, que era enaltecido por sua beleza e se não a possuísse teria que, quase como obrigação, compra-la para que assim pudesse cumprir de fato seu papel de “mulher bela”. A dignificação do sexo feminino é apenas mais uma maneira de aprisioná-la a uma jaula social, condenando-a a uma procura incansável e a uma busca pela beleza encantadora, que toda mulher deve oferecer, para os olhos masculinos. A beleza exigida a qualquer custo da mulher, o Mito da Beleza, garante Wolf (1992), é só mais uma arma em uma estrutura de poder patriarcal que nega às mulheres o domínio sobre si mesmas e seus corpos.

O luxo foi maquiado, a moda criou curvas e decote e logo foram dados como, em alguns casos, supérfluos. A mulher assume o papel de consumidora compulsória e mais uma vez é estigmatizada por algo que antes já foi “coisa de homem”. É nítida a mudança do luxo para o universo feminino, assim como, seu significado que, por vezes, beira ao

supérfluo; passou a ser coisa de mulher, automaticamente assume uma visão rasa e inferior se comparado a quando ainda era algo pertencente ao universo masculino. Assim como um dia o luxo já esteve longe do universo feminino o pornô parece longe do alcance das mãos femininas, ele é colocado longe de seus domínios e foi batizado como “não pertencente a vocês mulheres”. A pornografia assim, como já foi o luxo, é uma produção masculina e não atende as exigências ou preferências do gênero oposto. O que intriga em vincular a mudança do luxo do universo masculino para o feminino com a pornografia é que, se caso houvesse uma “feminização do pornô”, ele também assumiria uma relação com *supérfluo* assim como aconteceu com o luxo? O pornô, assim como a feminização do luxo, intensificaria a busca por um corpo “despido de imperfeições” e uma busca incessante em se parecer com as atrizes pornôs, por elas serem, dentro dos moldes e recorte das produções pornográficas (que tem como pauta os desejos masculinos), aquilo que daria prazer ao homem? Trabalhar o endereçamento do pornô para o público feminino requer toda uma análise das concepções sexuais dos gêneros - o que é bom para um e o que seria bom para outros – seria analisar a construção narrativa mais adequada ao “novo” público que tem suas preferências e seus desejos particulares e que não são retratados na maioria das produções heterossexual.

A pornografia é endereçada aos homens porque são eles que a consomem e à eles o sexo foi, desde sempre, autorizado. “Esse endereçamento ao público masculino reflete apenas seu prazer, descreve o que para eles é prazeroso e deixa de lado o prazer feminino; as imagens com apelos sexuais cada vez mais explícitas vão veicular as vias do desejo do homem” (VILLAÇA 2007); esses que por sua vez, a consomem para uma finalidade sexual, essa podendo ser o ato em si ou a masturbação. O pornô carrega em suas produções umas séries de tabus (sexo casual; mulher dominadora; masturbação feminina) e que só se agravam quando a mulher se aproxima desse conteúdo, afinal de contas, essas produções não são trabalhadas na perspectiva de endereçar esse conteúdo a elas - por seguirem o pensamento que o consumo dessas produções não é praticado por elas e também pelas construções dessas narrativas serem feitas por homens - mesmo que o assunto abordado no vídeo possa nos levar a crer que exista um direcionamento a elas, como por exemplo na categoria, já mencionada, “*solo girl*” (que envolve um espécie de apresentação solo) que apesar do foco central está em uma figura feminina, ela aparece em uma apresentação para uma figura masculina, logo não tem seu prazer em pauta. O sexo casual é o que mais se vê nos conteúdos pornográfico e como socialmente a mulher não foi “criada” para vivê-lo -

afinal a mulher é educada para o casamento, o que já nos remete ao culto, hoje um tanto envelhecido, da virgindade feminina - ele acaba, também, por causar um estranhamento e, até, um distanciamento entre a mulher e o pornô.

A pornografia traça uma definição rasa do prazer feminino, descrevendo e retratando a mulher como uma espécie de manequim, com funções que podem ser facilmente confundidas com aquelas exercidas por uma boneca inflável. Com expressões faciais exageradas, posições desconfortáveis, em contato com objetos e sem nenhuma chance de ter seu prazer levado em consideração por aquele que a utiliza. Porque sim, a mulher está ali para ser usada; seu posicionamento não é moldado ao prazer, prazer de sentir prazer ou prazer de se ver sentindo prazer. A pornografia “apresenta as mulheres como objetos de apetite sexual sem nenhum conteúdo emocional, sem qualquer significado individual ou personalidade – essencialmente como uma mercadoria sexual a ser consumida por homens” (RICH, 2012, p. 26).

Já a mulher que tem contato com esses conteúdos, tende a espelhar-se sexualmente nas estrelas pornôs (VILLAÇA, 2007), mesmo que esse processo de identificação de sua sexualidade com aquela encenada não seja exatamente harmoniosa. Tudo isso estabelece uma desconexão entre sexualidade vivida, sexualidade desejada e satisfação para as mulheres (LEITE, 2011). Essa classificação de sexualidades é construída pelas produções pornográficas que tem uma narrativa que veicula as vias de prazer masculino, fazendo com que essa identificação que a mulher estabelece com as atrizes pornôs nem sempre seja a de total identificação - na verdade, raramente o é. A verdade é que a mulher foi criada para satisfazer o homem em todos os âmbitos sociais e o sexual não foge a essa questão, então essa identificação com as atrizes pornôs se dá através desse desejo feminino de agradar o homem.

Atrela-se ao pornô a única função de “excitação sexual”, no qual o início e fim não são o foco da produção, mas o desenvolver, apenas a prática. Sem enunciação ou, na maioria dos casos, com uma narrativa pouco trabalhada, as produções pornográficas focam apenas no desenrolar do ato sexual. Com uma produção seca e direta não prepara e não constrói um caminho até o sexo, não encena nas narrativas os preâmbulos de uma relação sexual que seja mais próxima daquelas experimentadas por mulheres comuns. Essa forma de produção ajuda a tornar o pornô algo alheio ao universo feminino. Não só isso, mas o pornô é patriarcal e machista e em parte porque isso reflete as relações de poder que a sociedade institui. Tal sociedade, dominada pelo que é permitido, legitimado e aceito pelo

feminino, é o que também distancia a mulher da pornografia. É o que acaba por separar, o que nele se retrata do que realmente se vive; separa-se o mundo pornográfico do mundo real. Mas será que são mundos tão diferentes assim? O mundo pornográfico escancara a realidade das relações pessoais? Ele reproduz sistemas sociais?

Quando se pensa no consumo da pornografia *hardcore*, que se caracteriza pelas cenas explícitas e pela penetração, se pensa em um consumo recluso, discreto, algo de consumo pessoal e íntimo e supõe-se que esse consumo acabe ali, no gozo livre, no prazer pelo prazer. Mas é importante parar para observar como esse produto audiovisual sofre e exerce influência das sociedades e seus modos de organização (o machismo; a heteronormatividade; a ditadura da beleza), portanto acaba por reproduzi-las. É como se fosse um ciclo de alimentação, o pornô se alimenta das normas sociais ao ponto de reproduzi-las, e isso fica claro quando se percebe o falocentrismo dessas produções, e ao reforçar essas normas acaba por reafirma-las e leva-las aos consumidores. Pouco se fala sobre o pornô, quando isso acontece é sempre em torno de uma escolha minuciosa de palavras, não só o consumo, mas a “fala” sobre ele também é, de certa forma, anônima. Essa camuflagem da fala sobre a pornografia é derivada do silêncio que há em torno do sexo - que claramente é a maior base dessas produções - que o exilou e o resumiu as conversas ao pé de ouvido de acordo com os códigos do século XIX, que tem toda uma ligação entre poder, saber e sexualidade e esse silêncio que se estabeleceu é protegido por uma caução histórica e política. Toda essa forma nova e cheia de tatos para se falar do sexo teve sua origem no século XVII (após centenas de anos de expressão livre sobre esse assunto) que coincidiu com o surgimento do sistema capitalista, que faria parte da ordem burguesa.

O pornô; o gozo sem compromisso; o prazer pelo prazer é um luxo que ainda pertence ao universo masculino. A mulher foi exilada desse universo carnal; esse tipo de produção imagética é interdito as mulheres pelo simples fato dela reproduzir “coisa de homem”, para homens e feitos por homens. É uma indústria produtora patriarcal que acumula e reproduz a nossa sociedade cheia de ética e moral que reflete sistemas sociais e estreita o mundo pornográfico aos homens. Exclui as mulheres de seu consumo e as incumbe ao papel de coadjuvante/figurante.

Considerações finais

A pornografia sempre foi vista como algo pertencente ao universo masculino, fazendo com que só se atenda suas exigências. Essa maneira de produzir o pornô pode ser aceitável quando se pensa por esse ângulo, mas isso é questionável quando se percebe que para o homem, a mulher como objeto é o que, por muitas vezes, lhe causa prazer. Percebe-se que o prazer feminino não é retratado nas produções pornográficas por ele não ser, de fato, algo relevante para o prazer masculino. Nota-se o distanciamento dos sexos, o desconhecimento de seus corpos e a desvalorização do prazer feminino nas produções pornográficas heterossexuais.

A pornografia, que tem a maioria de seus conteúdos disponíveis em um rede online, junto à acessibilidade midiática, que facilita o acesso aos conteúdos pornográficos através da internet - essa que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) está ao alcance de metade da população brasileira - constitui um fenômeno significativo em nossa sociedade e atinge uma gama de consumidores/internautas. Seus conteúdos são de um alcance amplo levando-os ao mundo, conduzindo e reproduzindo o prazer masculino como preponderante e protagonista de suas produções e reduzindo as mulheres à servidão do gozo masculino. As produções pornográficas desconsideram o prazer feminino e desconsiderar a mulher como sujeita da enunciação pornográfica significa assumir que o culto ao prazer é privilégio masculino.

A objetificação atribuída à mulher dentro da narrativa desse gênero é velada como natural, o feminino como sujeito dessa construção audiovisual é levado e conduzido à submissão e, por vezes, servidão. Existe um processo de identificação por uma parte e condução por outra. O homem se identifica como sujeito e a mulher, por vezes, são conduzidas a assumir aquele papel de submissão em sua vida sexual vivida.

Referência Bibliográfica

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Record, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Graal, 1992.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2012.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rocco, 1992.

LEITE, Fernanda Capibaribe. **O que é bom para elas**: cenários de empoderamento numa pornografia feminista. **Ciberlegenda**, n. 26, p. 167, 2012.

VILLAÇA, Nízia. **Erotismo é isto, pornográfico é aquilo?** In: **Revista Z Cultural**. Ano III, n. 01. Rio de Janeiro: PACC/ UFRJ, gez-mar 2007. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/erotismo-e-isso-pornografia-e-aquilo-de-nizia-villaca-2/>. Acesso em: 24 mar 2016.